

ELEMENTOS COLABORATIVOS NA CONSTRUÇÃO DA COERÊNCIA: POSSIBILIDADE(S) DE SENTIDO(S) EM MEMES

Ana Carolina A. de Barros (UFPE)

barros.anaalmeida@gmail.com

Introdução

O homem, como ser social, age nos diferentes ambientes pelo quais transita através de textos, sejam eles verbais ou não-verbais, organizados a fim de atender às mais diferentes necessidades interacionais. Estes textos reconhecidos, porém dotado de determinada plasticidade, multiplicação, renovação, e que acompanham as demandas de comunicação nos mais diversos contextos sociais são os gêneros.

Compreender a dinâmica dos gêneros, suas funções, articulações e usos é ser hábil e eficaz parceiro comunicativo que na interação (re)constrói ou recupera sentido(s) proposto(s) pelo “autor” daquela materialidade com o qual se estabelece contato. No entanto, para que esta possibilidade de coerência, de unidade temática ocorra é importante a integração de uma série de elementos das mais diferentes naturezas que vão desde os de cunho linguístico ao aparato sócio-histórico-cognitivo que devidamente articulados, trabalham em um esforço cooperativo.

Aqui, especificamente, o gênero tomado é o *meme* que ganha vitalidade, possibilidade de replicação e certo aspecto de viralização através da *Internet*, pois nela encontra ambiente fértil para ser propagado em velocidades cada vez mais rápidas, atingindo um público cada vez maior. O *meme*, a ser aqui explorado, é aquele que traz em sua essência a natureza imagética atrelada ao material linguístico para os quais os leitores devem estar atentos, a fim de que percebam as ideias e/ou opiniões contidas e repassadas, de modo particular, por seu “criador”.

Diante disso, o foco do trabalho direciona-se a não só a demonstrar a natureza dos *memes*, mas quais elementos são lançados pelos interlocutores quando entram em contato com este artefato em uma tentativa de recobrar o(s) sentido(s), buscando, atribuir na interação, a coerência.

O trabalho foi dividido em quatro seções: Texto e textualidade – noções basilares para o texto enquanto processo; Coerência - relação estreita com elementos múltiplos para a(s) possibilidade(s) de sentido(s); O Multifacetamento do gênero e suas semioses: o verbal, o não-verbal e os *memes* e Análise de dados e a multimodalidade como ativamente participativa na(s) possibilidade(s) de sentido(s) de memes, a fim de que se pudesse construir um panorama das articulações dos elementos ou conhecimentos despendidos pelos interlocutores, utilizando-se, para tanto, dos comentários postados.

Na fundamentação teórica, recorreu-se a estudiosos da área da Linguística, Linguística textual e cognitiva: Koch (2008; 2012), Marcuschi (2008), Dionísio, (2011), Cavalcante e Custódio (2010), Antunes (2005), entre outros, assim, como aos teóricos que desenvolvem as abordagens relacionadas mais acentuadamente aos próprios *memes*: Dawkins (2011), Recuero (2007; 2009) e Blackmore (1999).

1. Texto e Textualidade: Noções basilares para o texto enquanto processo

Atualmente, o texto é tomado como unidade de análise dentro da Linguística de Texto, porém, a concepção deste objeto passou por mudanças ao longo das décadas, quando se toma por referência os anos 60. O ponto de partida dos teóricos da LT foram os estudos voltadas aos enunciados, pois o texto era concebido como uma unidade maior

que a frase, nos dizeres de Koch (2009, p.5), “unidade linguística mais alta, superior à sentença”. Houve, nesse período da história da LT, uma tentativa de serem estabelecidos critérios que abarcassem a constituição e as regras responsáveis pela elaboração de textos dentro das línguas.

Posteriormente, os falantes de uma língua passam a ser vistos como detentores de capacidades específicas, dotados eram de competência textual, havendo um afastamento da perspectiva estruturalista quando a língua deixa de ser pensada estritamente como sistema e código; assim, a noção de texto ganha outra acepção, já que nas análises até então desenvolvidas, ignoravam-se os aspectos pragmáticos e semânticos. O texto passa a ser considerado como mais que uma sucessão de enunciados e aspectos de produção e recepção são resultados da competência textual. Em decorrência dessa aptidão, os falantes são capazes de reconhecer o que é um texto daquilo que ele não o é; seriam os falantes aptos a resumir, perceber completudes e incompletudes, utilizar-se de paráfrases e construir textos a partir de um título, o que justificaria a elaboração da “Gramática textual”, pois, nessas condições, com origem na teoria gerativista de Chomsky, o texto passa a ser compreendido como “uma unidade linguística hierarquicamente mais elevada, cujas estruturas possíveis em cada língua devem ser determinadas pelas regras de uma gramática textual”. (FÁVERO, 2012, p.6).

No entanto, o sintático ou semântico não são suficientes para explicar determinados fenômenos, como os contextos, os entornos textuais. É iniciada, então, a construção de uma teoria de texto, teoria que tem como intuito buscar direcionamentos para examinar a constituição textual, bem como funcionam os processos de construção e compreensão em textos legítimos, situados em realidades de interlocução, pois compreende-se que o texto não se encerra e nem se resolve em si mesmo, criando-se espaço para as noções de referente e competência comunicativa, posto que os falantes/ouvintes/usuários não são mais ideais. Assim, a pragmática, as relações com o contexto são efetivamente notadas e analisadas, e como ratifica Heinemann (1982, *apud* KOCH, 2009, p.14)

Os textos deixam de ser vistos como produtos acabados, que devem ser analisados sintática ou semanticamente, passando a ser considerados elementos constitutivos de uma atividade complexa, como instrumentos de realização de intenções comunicativas e sociais do falante.

Da condição de “unidade linguística”, “sucessão e combinação de frases”, a uma categoria que considera o texto como processo, de natureza pragmática, e que atente às necessidades humanas de comunicação, intencionalmente articulados e planejados, e são, como destaca Koch (2008), “ resultado da atividade verbal de indivíduos socialmente atuantes, na qual estes coordenam suas ações no intuito de alcançar um fim social, de conformidade com as condições sob as quais a atividade verbal se realiza” (p.26)

Não significa, entretanto, dizer que os estudos voltados para o texto, na perspectiva atualmente trabalhada e difundida pela LT, excluem os componentes linguísticos e semânticos e operem, exclusivamente, com o pragmático. A Linguística de Texto abrange esses três planos articulando-os. É imprescindível considerar tanto a materialidade linguística, que abarcaria processos como a coesão, como também entender que a natureza do texto não é construída em única direção, pois os níveis de sentido são estabelecidos tentacularmente para possibilitar a coerência; o semântico está implicado, assim como as funções de cunho pragmático, pois um texto cria sua identidade quando tais relações, em níveis distintos, vão sendo estabelecidas durante a interação e mediante o funcionamento sociocognitivo dos interactantes.

A partir do diálogo entre as diferentes instâncias - linguística, semântica e pragmática – e as trocas entre os parceiros comunicativos, o texto se realiza e ganha sentido, já que “o sentido não está no texto, mas se constrói a partir dele”. Seguindo este direcionamento, pode-se fazer a seguinte indagação: o que é necessário, então, para considerar o texto não apenas como sequência logicamente estruturada de frases?

Tomando as questões apontadas por Beaugrande e Dressler (*apud* COSTA VAL, 2000), considerando as naturezas processual e interacional, seria, pois, a coerência o grande fator responsável pelo que se poderia compreender por texto. A partir do momento em que um falante/ouvinte depara-se com um artefato textual e consegue imprimi-lo textualidade, aplicando eficazmente princípios de textualização, está diante de um texto, ou seja, para ser texto é preciso fazer sentido em determinada situação comunicativa e para os seus interlocutores, isso é o que ressalta Costa Val (2004, p. 113), ao dizer que “o sentido não está no texto, não é dado pelo texto, mas é produzido por locutor e alocutário a cada interação, a cada “acontecimento” de uso da língua”.

Para cada situação comunicativa, as pessoas diante dos conjuntos de palavras aos quais são expostas, buscam estabelecer relações, atribuir unidade de sentido apropriada ao contexto interacional, aplicando “princípios de textualidade”, que organizados por Beaugrande e Dressler (1981), são categorizados em sete: *informatividade, situacionalidade, intencionalidade, intertextualidade, aceitabilidade, coesão e coerência*; destes processos, lançam mão os receptores/produtores das mensagens em uma tentativa de textualizar o artefato, ou seja, estes princípios não fazem parte do texto em si ou o caracterizam, não são propriedades inerentes a essa materialidade, mas mecanismos utilizados para a produção e interpretação textual.

Assume-se, então, as prerrogativas lançadas por Costa Val (2000), ao compreendermos que o material linguístico com o qual nos deparamos e estabelecemos relação “dialogada” são textualizados a cada vez que um interlocutor é capaz de interpretar e atualizar um artefato como sendo texto, considerando as circunstâncias, contextos, situações, entendendo-o enquanto adequado, aceitável, coerente, coeso e sobre os quais determinados propósitos são propostos e/ou cumpridos eficazmente.

2. Coerência: Relação estreita com elementos múltiplos para a(s) possibilidade(s) de sentido(s)

A partir dos elementos colaborativos para a construção da textualidade, como os sete princípios de Beaugrande e Dressler (1981), um deles percorre com maior saliência os estudos do texto, aspecto este referente à coerência, principalmente, em decorrência da necessidade de não considerar tão somente o linguístico, mas aqueles fatores que apontam para dimensão comunicativa, diz-se, de um olhar voltado para o funcionamento da língua em seu aspecto sociocomunicativo.

Pressupõe-se, assim, que a natureza textual não é, por ela mesma, coerente ou incoerente, porque até uma “aparente” incoerência pode resultar de uma subversão proposital do “autor” com vistas a objetivos determinados, e passíveis de serem acessados os valores, as ideias e os conteúdos ali expressos pelo trabalho do parceiro comunicativo, e como ratifica Antunes (2005, p. 176), “o limite é o funcionamento do que é dito, os efeitos pretendidos, em função dos quais escolhemos esse ou aquele jeito de dizer as coisas”. Possivelmente, há implicações na forma de recepção desse texto, por não se considerar que a coerência seja estabelecida de uma única forma, por um único caminho, já que é dependente de uma gama de fatores colaborativos.

Os elementos linguísticos, então, funcionarão como pistas que podem indicar aquilo que foi pretendido pelo “produtor” do texto, pois ao utilizar determinadas

construções, palavras, expressões, conectivos, toda uma organização textual é projetada com vistas à unidade de sentido no aspecto global (macroestrutural) ou pontual (microestrutural), a fim de que objetivos sejam cumpridos. Há, portanto, uma relação entre os “domínios” da coesão, disposição e articulação da materialidade linguísticas, as inter-relações e o nível de coerência.

Vale salientar que tanto coesão como coerência, apesar de poderem estar articuladas, não são necessariamente condição para realização uma da outra, pois existem organizações enunciativas tomadas por elementos coesivos que não constituem texto, ou seja, apesar de serem percebidos os conectivos, estes não conseguem estabelecer uma articulação a ponto de formar uma unidade reconhecivelmente coerente, como também há possibilidade de uma estrutura da qual não fazem parte elementos de coesão reconhecíveis no co-texto e, no entanto, essa textualidade ser estabelecida no plano da coerência, semanticamente.

Para Beaugrande e Dressler (1981, p. 84, *apud* FÁVERO, 1998, p.59), serão levados as seguintes considerações sobre aquilo que “contemplaria” a coesão e a coerência textuais:

O texto coerente é aquele em que há uma continuidade de sentidos entre os conhecimentos ativados pelas expressões do texto, e é “incoerente” aquele em que o leitor/alocutário não consegue descobrir nenhuma continuidade, comumente porque há uma seria discrepância entre a configuração de conceitos e relações expressas e o conhecimento anterior de mundo dos receptores

Remetendo para a recuperação de sentido(s), há que se considerar o contexto ou a situação comunicativa para o processamento das informações, mas também há de se levar em conta as intenções do leitor, bem como suas motivações. Existe, aqui, uma ampliação focal na direção da coerência, há uma via de articulação em mão dupla em que se considere: 1) o produtor do texto, como o “responsável intelectual” pela construção textual, 2) o interlocutor, o “parceiro comunicativo”, que processará as informações textualizando-as e que exerce um trabalho colaborativo ao apreender os objetivos pretendidos e/ou possíveis através do material textual com o qual se relaciona, ou seja, está implicitamente atrelado ao que Charolles (1988) indica como princípio de interpretabilidade, isto é, capacidade de construir unidade de significação a partir do texto.

Há, no entanto, uma multiplicidade de fatores, como já citado, que auxiliam no atribuir sentido(s) quando se está diante de artefatos linguísticos. Entre os elementos ligados ao processo complexo na construção da coerência, Costa e Silva (2013, p.67) apontam alguns orientadores: “conhecimentos linguístico, conhecimento de mundo, conhecimento partilhado, situacionalidade, informatividade, intertextualidade, fatores pragmáticos, intencionalidade e aceitabilidade, inferência, focalização, consistência e relevância”.

Assim, para que exista(m) a(s) possibilidade(s) de atribuição(ões) de significado(s), há uma multiplicidade de fatores que processados, em ordens distintas e mutuamente ativados, que articulam-se em um fluxo contínuo. O(s) sentido(s) revela(m)-se também em consonância com as interações, vivências, ideologias, histórias discursivas, valores socialmente estabelecidos, bem como das experiências com outros textos e da consciência refletida quanto ao ato de ler.

Retomando algumas linhas acima, foram levantados elementos que, em circunstâncias gerais, estão envolvidos no processamento da coerência, e que serão mais especificamente apresentados (BEUAGRANDE E DRESSLER, 1981; COSTA VAL, 2000; KOCH, 2012; COSTA E SILVA, 2013): **informatividade** (diz respeito ao quão

previsíveis serão as informações contidas no texto, se são ou não esperadas pelos interactantes), **situacionalidade** (refere-se à adequação ou não daquela produção textual; se o texto é ou não ideal para a condição de produção na qual se encontrava), **intencionalidade** (orienta-se na direção de o texto ser ou não próprio perante uma determinada situação/contexto de produção a fim de atingir os objetivos previamente traçados por seu autor) , **aceitabilidade** (relaciona-se à como o texto com o qual o receptor se depara é percebido, recebido ou avaliado, considerando para tanto os conhecimentos, crenças, valores, interesses...), **intertextualidade** (em sentido mais amplo, pode-se dizer que a intertextualidade é princípio básico na construção textual, pois todo texto procede de um outro já existente), **inferência** (denota um mecanismo sobre o qual uma dada informação - informação “velha”- funciona como base/aporte para a geração de uma outra informação -informação “nova”), a **focalização** (diz respeito a qual “realidade” que foi mentalmente elaborada receberá um ponto de concentração, um enfoque).

Já ao que se relaciona à **consistência e relevância**, assim como aos **fatores pragmáticos**, estariam, os primeiros, ligados a elementos e às articulações na construção do texto, tornando-se apropriados àquela realidade ou universo textual, se as informações procedentes são essenciais/indispensáveis; no que concerne aos **elementos pragmáticos** ou “elementos de contextualização”, funcionam como indicativos para situar o leitor: datas, títulos, nome do autor, recursos gráficos etc.

Outros atores também entram em cena quanto ao processamento da coerência: **conhecimentos linguístico** (considera a gramática de uma língua, bem como o léxico), **de mundo/enciclopédico** (refere-se os conhecimentos de mundo, adquiridos de acordo com as vivências, experiências individuais e coletivas que estão organizados através de esquemas cognitivos) e **compartilhado** (aquele que lança mão dos saberes comuns entre os interlocutores), pois se acordamos que a leitura/compreensão não é mera extração de um bloco do todo que compõe o texto ou identificação pontual de certos elementos presentes na superfície textual, e tomamos a noção de língua como imersa em um contexto de interlocução, pressupomos todo um aparato cognitivo envolvido nesta atividade e uma memória elaborada culturalmente que organiza a natureza social.

Vale salientar que há facetas de conhecimentos elaborados ou internalizados de maneiras distintas, mas que em alguma esfera são apropriados com graus de “similitudes” o que, certamente, torna a comunicação possível. Estes conhecimentos interagem com dinamicidade, em sistema de cooperação buscando (re)construir o texto e os propósitos comunicativos, são de caráter sociocognitivo e necessários para que o leitor/falante elabore a coerência.

É necessário que o receptor faça uso dos conhecimentos relativos à língua, ao mundo, aos saberes partilhados, mas também à situação comunicativa, *conhecimento interacional*, que são aprendidos nas interações através do uso da linguagem: propósitos do produtor da mensagem, a quantidade de informações necessárias para que haja boa compreensão por parte do outro comunicativo.

É o que Koch (2009, p.21) faz validar dizendo que “os parceiros comunicativos possuem saberes acumulados quanto aos diversos tipos de atividade social [...] conhecimentos que necessitam ser ativados para que sua atividade seja coroada com sucesso” e Heinemann & Viehweger (1991 *apud* Koch, 2009) complementam com modelos textuais globais, intimamente ligados aos saberes relacionados os gêneros textuais, já que através deles é que se interage socialmente e atua-se em uma determinada comunidade linguística.

Os gêneros são, portanto, facilitadores da comunicação humana, pois são “organizados” culturalmente, passíveis de identificação, mas também sujeitos a

mudanças, assumem um caráter plástico, e com eles tem-se contato desde os primeiros momentos da inserção ao mundo da linguagem, pois nasce-se envolto em uma esfera sociodiscursiva.

3. O Multifacetamento do gênero e suas semioses: O verbal, o não-verbal e os *memes*

A comunicação humana é, indubitavelmente, realizada através de textos que são produzidos sob certas condições, numa relação dialógica, de atividade interativa que não existe, segundo afirma Leontév (1969 *apud* BENTES, 2001, p.266) “fora de sua produção ou de sua recepção”. Isso significa dizer que o texto não encontra sentido em si mesmo e não se concretiza fora da situação de interlocução, necessita, para tanto, de interactantes que os manipule, atendendo a certos “modelos” socialmente elaborados para funções específicas, os gêneros.

Os gêneros estão presentes nas mais diversas esferas das atividades humanas e são tão variados quanto as possibilidades de utilização da língua, considerando, para isso, as necessidades comunicativas; a multiplicidade de esferas de atividades humanas acaba por imprimir a diversidade de gêneros, formas de o homem organizar linguisticamente as ações discursivas, e como complementa Marcuschi (2008, p.16), “variam, renovam-se e multiplicam-se”, de acordo exigências de interação.

Torna-se importante ressaltar que se os gêneros mudam conforme as necessidades humanas, se são espécies relativamente estáveis, se recorrem à linguagem em suas diferentes configurações, se falantes/ouvintes são construídos a partir das relações com o mundo exterior, mundo que é múltiplo e apresenta-se a nós através de linguagens plurais, então, as mensagens e as organizações textuais também podem apropriar-se em sua constituição de recursos/elementos de naturezas variadas para atender a determinados fins e conseguir maior adesão dos interlocutores, e como salienta Dionísio (2011, p.138), “todos os recursos utilizados na construção dos gêneros textuais exercem uma função retórica na construção de sentidos dos textos”. Isso não significa dizer que existe hegemonia ou superioridade de uma linguagem em detrimento a outra, mas há uma inter-relação, uma cooperação entre as diferentes semioses no intuito de ajudar a que haja um melhor processamento das informação e assim, colaborar na construção de sentido(s).

Considerando que o texto assume uma natureza plural que coordena multisemioses, e assim, uma co-ocorrência de modos de representação da linguagem nos textos, sobressai a multimodalidade que de acordo com Dionísio (2011, p. 139), consiste no “uso de dois ou mais modos de representação: palavras e gestos, palavras e entonações, palavras e imagens, palavras e tipográficas, palavras e sorrisos, palavras e animações etc.”, ou seja, elementos de naturezas semióticas diferentes se combinam com o propósito de complementação, pois muitas vezes a presença de um ou outro em caráter de “exclusividade” não seria suficiente para que houvesse uma construção de sentido(s) melhor fundamentada.

Ao estarem tais semioses expostas, elas estabelecem relações, não estão ali dispostas aleatoriamente, mas favorecem na construção global do texto, e a cada dia estabelecem o linguístico e o imagético relações mais íntima, como ressalta Dionísio (*ibidem*, p. 138), “imagem e palavra mantêm uma relação cada vez mais próxima, cada vez mais integrada”; o aspecto linguístico será apenas um aos quais se recorre na construção de um texto em leitura das imagens e das palavras vão sendo integradas de maneira ordenada em processo colaborativo.

Assim, os artefatos textuais que transitam socialmente, revestidos ou (re)elaborados através das tecnologias, alteram, variam, reformulam-se pela amplitude

das possibilidades comunicativas o que faz emergir os *memes*, um gênero que circula em abundância e que é facilmente encontrado nas Redes Sociais.

O termo “*meme*”, de acordo com Androus (2005), foi utilizado pela primeira vez por Richard Dawkins, um biólogo, podendo ser compreendido como uma unidade de imitação e transmissão cultural. Para a *Internet*, ambiente virtual, é percebida como uma entidade que pode assumir a forma de imagem, frase e/ou ideia com rápida difusão, atuando com uma espécie de vírus, propagando de um indivíduo para outro.

Estas unidades podem ser enquadradas em categorias variadas, de acordo com a sua natureza, o que repercute, possivelmente, na maneira múltipla de compreensão e atuação entre os interlocutores. Como salienta Recuero (2007), “o *meme* é o ‘gene’ da cultura, que se perpetua através de seus replicadores, as pessoas”.

Eles exploram uma diversidade de possibilidades da vida e da sociedade humana, encontrando na *Internet* ambiente fértil para a sua propagação, impactando os indivíduos a partir das interações, gerando diversidade de expectativa, bem como o desencadeamento de distintas posturas e ações.

Dawkins (2001), considerando o fator de replicação dos *memes*, propõe uma categorização desse gênero quanto à *longevidade, fecundidade e fidelidade*. Por longevidade atribui a capacidade de o *meme* permanecer no tempo; já fecundidade diz respeito à possibilidade de gerar cópias; e a fidelidade concerne também à geração de cópias, mas, especificamente, cópias semelhantes ou as mais semelhantes possíveis ao *meme* original.

Os impactos comunicativos, como salienta Blackmore (1999 *apud* RECUERO, 2007, p.24), são “gerados a partir as interações entre os indivíduos”, isto é, a partir dos graus de cooperação, bem como das cargas sociocognitivamente partilhadas, pois para que além da propagação possam ser feitos sentidos, é importante que toda uma gama de informações socialmente partilhadas estejam presentes na interlocução, contribuindo para isso, sem dúvida, a formatação do gênero que aqui será tomada na sua acepção de imagem conjugada à palavras, e em como estes recursos trabalham interativamente, a fim de que sejam mais ricas e fundamentadas as possibilidades expressivas, pois dependendo do contexto, da situação comunicativa, do alcance entre os parceiros comunicativos, assim como dos objetivos pretendidos, uma ou outra natureza de recursos, o verbal ou não-verbal, sozinhos não dariam conta das abordagens pretendidas pelo produtor do texto.

Há nesta espécie de *meme* uma relação direta entre o texto escrito e a imagem elaborada, a fim de que se complementem e sejam estabelecidas relações lógicas entre *imagem x texto*; o verbal e o não-verbal auxiliam na construção de significado e tornam-se essenciais neste espaço, isto é, todos os elementos nele presentes têm seu grau de especificidade valorativa e colaboram com o todo, em uma convergência para a possibilidade do reconhecimento de unidade.

4. Análise de dados e a multimodalidade como ativamente participativa na(s) possibilidade(s) de sentido(s) de *memes*

A partir do que foi tomado como pressuposto teórico e dos encaminhamentos durante toda a parte discursiva, assumimos a importância da multimodalidade como constitutiva desse gênero, os *memes* que construídos a partir das relações entre verbal e não-verbal podem auxiliar à textualização.

Optamos, por questões de dimensões do trabalho, na coleta de três exemplares de *memes* e os respectivos comentários. Os *memes* foram colhidos em três *fan pages* – Futurinhas, Futebol Depressão e Futebol Zu3ir4, em período recente, pós Copa do Mundo, pela proximidade do fato, mas também pela grande circulação nas diferentes

mídias digitais, conseqüentemente, alta circulação em Redes Sociais, posto que uma das condições propícias e facilitadoras para a propagação do gênero é a *Internet*.

4.1 Análise dos *memes*

A elaboração de sentido(s) e identificação de unidade textual, da coerência, não está posta no texto, mas pressuposta a partir do princípio de interpretabilidade. Na tentativa de constatar tal premissa, serão tomados os *memes* a seguir caracterizados por Dawkins (2001) como “um replicador, que se propaga através das pessoas, por imitação”, ou seja, como gênero, pressupõe seu caráter social, uma esfera de circulação e certa plasticidade que está à disposição dos interlocutores para atingir objetivos próprios.

Meme I



Fonte: Facebook – jul/2014

A partir dos elementos presentes no *meme I*, pode ser constatada uma interação direta entre os elementos verbais e não-verbais para a produção de sentido(s), pois a textualização foi realizada, com vistas aos comentários dos usuários da Rede Social.

Os interlocutores se valem da imagem, do cone com um bigode, bigode utilizado por especificamente um dos jogadores da Seleção Brasileira, mas também do material linguístico para se reportarem ao atacante que artilheiro de campeonatos futebolísticos no país que não atendeu as demandas na atuação como titular. O atleta é comparado ao jogador através de uma associação ao cone de trânsito, pois por apenas sinalizada, e tratar-se de um objeto, não se movimenta, tal o jogador que “como objeto”, permaneceu parado o remove-se ou o deslocasse.

É possível notar também que a publicação do *meme*, aconteceu no dia do jogo de Brasil x Alemanha, 08.07, em que a Seleção apresentou baixo desempenho, inclusive sendo destinada ironia ao técnico através do **primeiro comentário**: “fica tranquilo o Fred vai fazer 6 gols”, e notamos a cooperação entre os interactantes que validam o dito através de um **segundo comentário**: “agora sim Fred. Vai logo calculando onde tu vai ficar parado aí”, remetendo à ideia e representação que o cone tem para aqueles que conhecem sua funcionalidade na rotina de trânsito das cidades, demarcar, limitar, mas estaticamente.

A cena é recuperada e construída a partir dos elementos que nela se encontram dispostos, e ratificada pelo **terceiro comentário**, em tom de ironia: “e vai resolver”, em resposta à fala imputada ao treinador: “Hoje é seu dia Fred. Entra lá e resolve esta merda”, aludindo, inclusive, ao desempenho de todo o grupo durante todo o período de competição, mas, especificamente, às críticas dirigidas a Fred e ao próprio técnico.

Nesse jogo, o (s) sentido(s) é (são) elaborados e (re)elaborado (s) em um processo de colaboração quando percebem a situação contextual representada pelo *meme*, graças aos conhecimentos adquiridos a partir da vivência dos jogos assistidos ou mesmo dos comentários que surgiram durante o período da Copa quanto ao desempenho do grupo brasileiro, demonstrando, assim, que os interlocutores dispõem de um aparato cognitivo com certo grau de semelhança, permitindo as relações de parceria comunicativa como as complementariedades orientadas ao texto proposto e divulgado o que faz acreditar que o objetivo do “autor” do texto foi alcançado pela adesão do público “leitor”.

Meme II



Fonte: Facebook – jul/2014

Em relação a este segundo *meme*, há na superfície textual, nos elementos do cotexto e também nos elementos pragmáticos, uma série de recursos aos quais se pode recorrer no processo interpretativo, a começar com a unidade expressiva que encabeça o arranjo: “Se fosse no SBT...”, que gerará algumas relações, possíveis pistas, servirá como indicador, caso os interlocutores, tenham vivenciado socialmente experiências televisivas no canal referido. O **primeiro comentário**, “kkkkkkkkkkk verdade”, assume uma posição de concordância com o que é exposto pelo *meme*, levando-nos a configurar a compreensão do parceiro comunicativo, quando das relações feitas entre autor-texto-leitor, demonstrando a aceitabilidade por parte do interlocutor. O **segundo comentário**, confirma também o processo de textualização, e por conseguinte, “visualizamos” que a coerência pôde ser estabelecida, ao se apresenta o seguinte: “kkkkkkkkkkk quase isso”, remetendo à ativação de conhecimentos de mundo, mas também aos conhecimentos partilhados, pois durante a exibição de programas no canal referido, um espaço em segundos para o *merchandising* de produtos da Jequití é destinado, e logo em seguida, volta à tela o programa que estava sendo apresentado.

A relação é mais fortemente perceptível, quanto à situacionalidade, pois é constatado também através do terceiro comentário quando articula ao ocorrido no jogo do dia 08.07, pois a postagem foi realizada dias depois ao fato, no entanto, a memória para factual era recente, sendo possível estabelecer uma relação como expresso pelo internauta do **terceiro comentário**: “huahuhuahua amo Silvio Santos e suas pegadinhas :p d+”, pois tão rápido quanto a exibição da propaganda dos produtos, em mesma velocidade ocorreu uma sequência de gols que passa a ser “rotulado” de “pegadinhas de Silvio Santos”, dono do SBT, da empresa Jequití e famoso pelas brincadeiras, trollagens realizadas por sua equipe e há anos exibidas no SBT. Podem aqui

ser também vistas, a relação e a coordenação necessárias para a construção do *meme* tanto das imagens quanto do linguístico que se postas separadamente incorreriam, possivelmente, na falta de uma coerência global ou lacunosa.

Meme III



Fonte: Facebook- jul/2014

Para este terceiro *meme*, há alguns conhecimentos que precisam ser sensivelmente partilhados, saberes comumente aceitos e percebidos no universo de interação, a partir qual haja elementos estruturalmente reconhecidos e aceitos como “verdades”, a fim de que a coerência possa ser conotada o que fará sobressair os propósitos do produtor da mensagem.

Isso acontecerá ao tomar-se como referência o contexto de enunciação, assim como o grau de informatividade percebido pelos parceiros comunicativos, gerado a partir do *meme* que organizado poderá fazer com que o escrito e o imagético sejam suficientes no processamento de sentido(s) possível (is) e grau de coerência estabelecido que busca através dos recursos empregados, uma unidade e faz sobressaltar uma temática o que nos aponta o **comentário 1(um)**: “Futebol é um time...o neymar sozinho n faria nada...puxa saco viu...credoo!!”, dialogando diretamente com o posicionamento do locutor esportivo Galvão Bueno, que é rotulado como “puxador de saco”, alguém que bajula o tempo todo o jogador Neymar, elevando única e exclusivamente suas habilidades, dando menor destaque ao grupo que compõe a Seleção Brasileira, o que passa a ser confirmado no **comentário 2 (dois)** : “olha o que eu falo...cara puxa saco do caramba” e ironicamente reiterado no **comentário 3(três)**: “Nosso menino Neymar hehe”, como um mecanismo usado pelo interlocutor para ratificar a predileção do locutor ao jogador, pois em muitas das transmissões realizadas é assim que se refere ao jogador, “nosso menino” e compartilhado pelo **comentário 4** : “kkkkk”, como um ato de confirmação e aceitação pelo que exposto.

Isso mostra como a junção do verbal e do não-verbal constituem a natureza do gênero *meme* e como estão intimamente integrados para cumprir os propósitos pretendidos, sendo então a multimodalidade, as semioses articuladas, necessárias para o processo de construção de coerência textual, assim como os materiais de ordem do linguístico e do cognitivo empregados em uma inter-relação de continuidade, em busca de unidade de sentido.

Conclusão

Considerando os *memes*, dentro das condições abordadas, atrelando-se a imagem e o linguístico, em uma coordenação entre verbal e não-verbal, estas semioses de distintas naturezas, assumem grande valia, pois ao interagirem em relação de completude, orientam a leitura em um jogo de possibilidade(s) comunicativa, a fim de que seja possível, através das pistas dadas, de natureza gráfica ou icônica, orientar no processamento de recuperação do(s) sentido(s) pretendidos.

A partir da interação com o gênero e de uma série de conhecimentos das mais diversas ordens é que a coerência vai sendo estabelecida, pois ela não está dada no texto, nem é a ele inerente, mas construída, considerando a superfície textual, mas também toda a bagagem sócio-histórico-cultural herdada e aprendida nas diferentes situações comunicativas, o que permite que a memória seja organizada através de esquemas cognitivos, auxiliando o interactante a agir maior eficiência no contato com diversos gêneros, e aqui, especificamente, os *memes* que têm sido amplamente difundidos na *Internet* pelas Redes Sociais .

Através dos comentários feitos pelos interlocutores foi possível orientar a análise, a fim de que as postagens funcionassem como indicativos da capacidade de textualização, mas também se reconhecesse que recursos ou elementos atuam quanto ao estabelecimento da unidade de coerência, pois pelas observações, certamente, os parceiros comunicativos partiram do reconhecimento e funcionalidade do gênero, como também, expuseram mediante as postagens, a bagagem adquirida enquanto leitor ou sujeito social que atuam potencialmente no resgate informacional.

Passível de constatação foi o papel facilitador do texto não-verbal, o peso da imagem, como fator relevante na apreensão do sentido, o grau de informatividade, situacionalidade e a aceitabilidade traçados pelos leitores que influenciando diretamente na construção do(s) sentido(s), funcionam em grau de complementariedade ao texto verbal em busca de elaboração(ões) possíveis em uma compreensão.

Referências bibliográficas

- ANDRAUS, Gazy. *O Meme nas Histórias em Quadrinhos*. Trabalho apresentado no NP16 - Histórias em Quadrinhos durante o XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Rio de Janeiro, RJ, 05-09, setembro, 2005. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1279-1.pdf> Acesso em: 01/07/14
- ANTUNES, Irandé. *Lutar com palavras- coesão e coerência*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 2ªed. São Paulo: Martins Fonte, 1997.
- BAZERMAN, Charles. *Gênero, agência e escrita*. São Paulo: Cortez, 2006.
- BLACKMORE, Susan. *The Meme Machine*. Oxford: Oxford University Press, 1999.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães; CUSTÓDIO FILHO, Valdinar. Revisitando o estatuto do texto. *Revista do GELNE*, Teresina, v.12, n.2, p. 56-71, 2010.
- COSTA, Iara B.; SILVA, Luciana Pereira. Coerência. In: COSTA, Iara B; FOLTRAN, Maria José. (orgs.) *A tessitura da escrita*. São Paulo: Contexto, 2013. p.64-81.
- COSTA VAL, Maria da Graça. Texto, textualidade e textualização. IN: CECCANTINI, J.L. Tápias; PEREIRA, Rony F.; ZANCHETTA JR., Juvenal. *Pedagogia Cidadã: cadernos de formação: Língua Portuguesa*. v. 1. São Paulo: UNESP, Pró-Reitoria de Graduação, 2004. p. 113-128.
- DAWKINS, Richard. *O Gene Egoísta*. (1979) Coleção O Homem e a Ciência, volume 7. Belo Horizonte: Itatiaia, 2001.

DIONÍSIO, Ângela P. Gêneros textuais e multimodalidade. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K.S. *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. 4^a ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p.137-152.

FÁVERO, Leonor Lopes. *Coesão e coerência textuais*. São Paulo: Ática, 1991.

FÁVERO, Leonor Lopes; KOCH, Ingedore G. V. *Linguística textual: introdução*. São Paulo: Cortez, 2012.

KOCH, Ingedore G. V. *Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas*. 2^aed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

_____. *O texto e a construção dos sentidos*. 9^aed. São Paulo: Contexto, 2008.

KOCH, Ingedore G. V.; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual*. 2^a ed. São Paulo: Contexto, 1991.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola editorial, 2008.

MOZDZENSKI, Leonardo. *Multimodalidade e gênero textual- analisando criticamente as cartilhas jurídicas*. Recife: Editora Universitária UFPE, 2008.

RECUERO, Raquel. Memes em weblogs: proposta de uma taxonomia. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, n.32, p. 23-31, abril. 2007.

_____. *Redes sociais na Internet*. 1^aed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.

Sites (fan pages)

<https://www.facebook.com/FuteDaDepressao?ref=ts&fref=ts> Acessado em: 14.07.2014

<https://www.facebook.com/FutebolDaZu3ir4?fref=ts> Acessado em: 14.07.2014

https://www.facebook.com/BlogFutirinhas/photos_stream?fref=photo Acessado em: 14.07.2014